

O PELICANO: PRÁTICAS DE LEITURA NA IMPRENSA MAÇÔNICA OITOCENTISTA¹

Jeniffer Yara Jesus da SILVA²

Recebido: 29/1/20

Aprovado: 26/2/20

RESUMO

Na Belém oitocentista, mais precisamente durante a segunda metade do século XIX, circularam periódicos de diferentes posicionamentos políticos e ideológicos, entre eles, destacaram-se as publicações envoltas para a defesa de suas respectivas doutrinas. **O Pelicano** (1872 – 1874) foi órgão oficial da sociedade maçônica durante seus dois primeiros anos, nos quais se dedicou não somente à divulgação de artigos opinativos sobre assuntos relativos à sua doutrina, como também às práticas de leitura vigentes da época, seja na publicação de prosa ficcional, seja na exposição de opiniões sobre o que era considerado Literatura. Dessa forma, por meio da leitura do periódico, catalogação e compilação dos artigos referentes às práticas de leitura, o presente trabalho pretende verificar a presença do novo gênero no periódico maçônico, na tentativa de analisar as possíveis motivações de sua divulgação na folha, contextualizando a pesquisa sob os aspectos históricos, sociais, políticos e ideológicos presentes no período estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Romance. Belém oitocentista. *O Pelicano*.

O PELICANO: READING PRACTICES IN THE NINETEENTH CENTURY MASONIC PRESS

ABSTRACT

During the nineteenth century Belém, more precisely during the second half of the nineteenth century, newspapers of different political and ideological positions circulated, among them publications that were involved in the defense of their respective doctrines. **O Pelicano** (1872-1874) was an official organ of the Masonic society during its first two years, in which it devoted itself not only to the dissemination of opinion papers on subjects related to its doctrine, but also to the usual reading practices at the time, of fictional prose, or in the exposition of opinions on what was considered Literature. Thus, through the reading of the journal, cataloging and compilation of the articles referring to reading practices, the present work intends to verify the presence of the new genre in the Masonic periodical, in an attempt to analyze the possible motivations of its dissemination in the newspaper, contextualizing the research on the historical, social, political and ideological aspects present in the studied period.

Keywords: Romance; nineteenth century Belém; O Pelicano.

Introdução

Envolta em mistérios e fantasias acerca de sua presença no Brasil e no mundo, a Maçonaria é vista, ainda hoje, como uma organização enigmática, de muitos questionamentos e histórias duvidosas sobre seus membros e ações. Porém, no século XIX, mais precisamente na Província do Grão-Pará, a sociedade dos pedreiros-livres esteve presente e mais, divulgou-se em alguns periódicos para a defesa de seus preceitos, bem como para esclarecimentos sobre sua doutrina.

¹ Pesquisa integrante do projeto de dissertação intitulado **A Boa Nova e O Pelicano**: prescrição de romances em Belém no século XIX, orientado pela profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales e financiado pela CAPES.

² Licenciada em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, atualmente mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPA. Endereço eletrônico: jeniffer.yara@gmail.com. SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. *O Pelicano*: práticas de leitura na imprensa maçônica oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

Entre 1872 a 1874, **O Pelicano** circulou na Belém oitocentista como publicação para a defesa dos ideais maçônicos, nomeado como “Periódico dedicado à defesa da Maçonaria, bem como ao estudo e discussão de assuntos científicos, literários, artísticos, industriais e noticiosos exclusive somente os políticos e religiosos”. Foi fundado por José Joaquim de Assis, o dr. Assis, posteriormente fundador do jornal **A Província do Pará**, em 1876, e redigido pelo padre Eutíquio Pereira da Rocha, Carmino Leal, cônego Ismael de Senna Ribeiro Nery e Jorge Sobrinho, todos declaradamente pertencentes à organização maçônica. A folha circulou nas quintas-feiras e domingos, mantendo configuração de quatro páginas, dispostas entre quatro colunas.

O jornal apresentou algumas seções definidas, como *Sumário*, *Parte Literária*, *Variedades*, *Folhetim*, *Assuntos diversos* e, mesmo declarando, em seu título, não objetivar discutir sobre religião e política, o impresso devotou inúmeras páginas em suas edições para tratar sobre a Igreja Católica em Belém, mais precisamente protagonizando embates com o Bispo do Pará, Dom Macedo Costa, figura emblemática da época, de grande poderio ideológico e político. Assim como também foram discutidas ações estatais, imbrincadas, na época, com as ações religiosas católicas, o periódico devotou-se à divulgação de posicionamentos relacionados à leitura de romance, bem como para a publicação de notas de livros e listas de autores a serem lidos.

Considerando os estudos em fontes primárias, o presente estudo pretende, a partir da folha doutrinária, investigar e analisar a presença do gênero romance em suas edições, de forma a relacionar aspectos históricos e doutrinários para com as práticas de leitura da época, em um período de grande efervescência cultural em Belém do Pará, relacionando também ao contexto literário da época, no auge das publicações do gênero, seja ele no formato folhetim, seja em outras seções dos jornais.

A literatura no Brasil, principalmente quando se trata do século XIX, sempre teve especial ligação com o jornalismo. Desde o início da imprensa no país, em 1808, a atividade literária sempre encontrou nos jornais e revistas um espaço de difusão e discussão. Raros eram os periódicos oitocentistas que não reservavam um lugar em suas páginas para os assuntos literário (MULLER, 2011, p. 36).

Nesse sentido, o estudo em jornais, e aqui acerca especificamente dos jornais doutrinários, abarcando não somente as folhas que se diziam literárias ou apenas noticiosas, é objeto de análise sobre os discursos fundamentados em diferentes concepções ideológicas e políticas que irão refletir, em seus posicionamentos, também sobre as práticas de leitura da época, a respeito da leitura de romances. Como afirma BARBOSA (2007, p. 56), “desde o Romantismo, portanto, os periódicos forjaram e organizaram a linguagem da ficção brasileira, dando-lhes características próprias, constituindo-se, portanto, menos como receptáculo, arquivo, do que como mecanismo discursivo”.

Desse modo, compreender o objeto de estudo, qual seja, a folha maçônica, de forma a entendê-la como porta-voz dos pedreiros-livres, relacionando ao tema da crítica ao romance, é imprescindível para iniciarmos a reflexão proposta.

Consciente ou inconscientemente, os maçons paraenses participaram de uma série de eventos e ações, ora como personagens principais, ora como coadjuvantes, em que manifestaram suas opiniões, elaboraram discursos, fizeram e receberam críticas, estabeleceram alianças, vivenciaram crises e conflitos, fracassaram em seus intuitos, se apropriaram de ideias, projetaram visões de mundo e se mostraram simpáticos a determinado tipo de vida em sociedade, tornando-se assim, como outros indivíduos e grupos também o foram, construtores do social (SANTOS, 2011, p. 27).

As ações e eventos descritos acima estiveram presentes nos jornais de caráter maçônico, como **O Pelicano**, o qual empreendeu ferrenhas críticas ao jornal católico **A Boa Nova** (1871 – 1883), este que defendia os ideais do bispo Dom Macedo Costa, no que tange a propagação dos dogmas conservadores que aquele impresso difundia³. Defendendo o ensino laico, o casamento civil e a liberdade de cultos, o impresso conduziu discussões a respeito dos temas polêmicos aos quais a Igreja intentava combater. Porém, ao mesmo tempo defendiam um ideal moralizante, citando Deus e preceitos da moral, como princípios a serem seguidos pelos maçons:

Os maçons do jornal **O Pelicano** sustentavam que a maçonaria era uma associação de homens livres, respeitadores das leis do país e dos preceitos da moral que se confraternizavam para a propagação das luzes, proteção das ciências e das artes, socorro mútuo e exercício da beneficência, conforme estabelecia a Constituição do Grande Oriente dos Beneditinos. Seus princípios eram amor a Deus e ao próximo, liberdade de consciência, respeito aos direitos do homem, liberdade legal, caridade e respeito às leis do país (SANTOS, 2011, p. 52).

Dessa forma, **O Pelicano** foi, de certa maneira, defensor de ideais progressistas à época, mas, ao mesmo tempo, defensor de ideais, considerados hoje, conservadores. Porém, como afirma Alan Cristian Santos,

é importante lembrar que não existe uma ideologia maçônica pronta, perfeita e coerente. O que existem são símbolos e valores compartilhados. Símbolos e valores que formam o habitus institucional e permitem a existência de interesses e, consequentemente, de movimentações variadas entre os maçons (SANTOS, 2011, p. 72).

Tais concepções são fundamentais para compreender os possíveis motivos de determinados posicionamentos acerca da leitura de romances inscritas no periódico, parecendo contraditórios, em um primeiro momento, mas compreensíveis se vistos pelas diferentes perspectivas que o século XIX abarcou.

³ SILVA, Jeniffer Yara Jesus da; PINHEIRO, Márcia do Socorro; SALES, Germana Maria Araújo. A crítica ao romance e às leituras perniciosas: é possível ler romances?. **Revista Eletrônica Falas Breves**, v. 03, p. 67-76, 2016.
SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. *O Pelicano*: práticas de leitura na imprensa maçônica oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

Luz e sombras: notas sobre romance no periódico maçônico

Voltado para a discussão de diferentes assuntos, bem como a respeito dos ditos literários, verificamos, para o presente estudo, a crítica e presença do romance n' **O Pelicano** em 1872, seu primeiro ano de circulação. Os critérios para avaliação do novo gênero não estão explícitos no editorial pois, na maioria de suas edições, a folha deteve-se aos temas políticos e religiosos, no embate contra a Igreja Católica na época. Porém, a partir das figurações de autoria e do ideário pertencente ao jornal, qual seja, o maçônico, talvez seja possível identificar prováveis motivos para suas escolhas e críticas ao longo das publicações.

Em 28 de julho de 1872, na seção *Parte Literária*, o artigo intitulado “Luz e Escuridão”, não assinado, é publicado:

Com os livros na mão desejo combater esses erros funestos e degradantes, mostrando a esse povo ignaro como é que se forma o raio, o relâmpago e o trovão!

E' necessário destruir a todo o custo estes e outros erros funestos que degradam e aviltam a humanidade, causas eficientes de todos os seus males e desditas. Verão aqueles que ignoram estes três fenômenos fã natureza, sempre sábia e pródiga, que neles mesmos se está mostrando a própria grandeza e bondade de Deus:

Jesus Cristo, o maior filósofo do seu século, pregando em Jerusalém e na Galileia, procurava ensinar aos povos doutrinas cheias de irresistível verdade, pureza e simplicidade as quais, destruindo os erros em que eles viviam, abriam o único caminho que os podia conduzir a verdadeira felicidade!

[...]

Se a ilusão não desapareceu por igual, se o desengano não foi completo, é porque há homens *que tem olhos e não querem ver, ouvidos e não querem ouvir*:

Os piores cegos são aqueles de que nos fala o Evangelho! Digam o que disserem, *Franklin* foi um gênio: gênios foram também, *Morse*, *Denis Papin*⁴, e outros muitos sábios ilustres, a quem as artes e as ciências devem assinalados serviços! (O PELICANO, nº 11, 1872)

O artigo não cita explicitamente romances ou algum tipo de leitura específica, mas, inserido na seção voltada para assuntos literários, torna-se objeto de investigação, principalmente pelo claro teor religioso presente nele. É possível identificar nomes de grandes cientistas ao final do escrito, declarando valorização a eles. O racionalismo que a citação de cientistas da época poderia nos remeter ao teor da nota quebra-se com a citação do Evangelho, e da menção a “Deus como filósofo”, em um movimento de intercâmbio entre religião e ciência, nos remetendo à filosofia de Tomás de Aquino⁵.

⁴ Denis Papin frequentou uma escola jesuíta em Blois, em seguida, em 1661, iniciou seus estudos na Universidade de Angers. Ele formou-se médico em 1669. Papin é mais conhecido por seu trabalho como inventor, particularmente o seu trabalho com o motor a vapor. Em 1679, ele inventou a panela de pressão e, em 1690, ele publicou seu primeiro trabalho com o motor a vapor em *De novis quibusdam Machinis*. In: **Denis Papin**. Disponível em: <<http://www.aprender-mat.info/portugal/historyDetail.htm?id=Papin>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

⁵ A Teologia Natural é a tentativa de aprender algo sobre Deus a partir de considerações gerais tais como o exercício da razão e a investigação do mundo. Sua forma clássica é associada a pensadores como Tomás de Aquino (século treze) e William Paley (1743-1805). Eles falavam em termos de “provas” da existência de Deus e frequentemente buscavam SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. *O Pelicano*: práticas de leitura na imprensa maçônica oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

Ao final, é plausível a defesa dos “sábios”, valorizando seus feitos nas artes e ciências, característica presente na Maçonaria, a qual defendia a busca por conhecimento entre as diferentes áreas do saber.

Em 15 de agosto do mesmo ano, a primeira parte de uma sequência de artigos intitulada “Resposta à Boa Nova” traz à baila a discussão sobre a autoria de dois romances, **O Maldito** e **A Freira**, escritos por um padre em que o nome não é revelado, mas que, pelo artigo, supõe-se que tratam de enredos condenados pela Igreja:

Saem do quadro ordinário dos romances os dois livros que tenho publicado—*O Maldito e Freira*—. Se neles adoptei a forma do gênero literário que mais agrada em o nosso tempo, e no qual, devo confessá-lo humildemente, sou bastante noviço, foi para servir de órgão popular a ideias serias, e que tem íntima relação com os mais importantes interesses da nossa civilização.

Estas ideias,—sem custo se advinham depois de se lerem algumas das minhas páginas—são-me familiares, e tem constituído, há muitos anos, o único fim das minhas investigações e estudos. Tenho-me mais em conta de pensador do que de romancista. Não sou eu o culpado se o escritor, em mim, é obrigado a pôr de parte a forma severa do publicista e a revestir a que as turbas preferem com o fim de achar ao mesmo tempo instrução e desenfado (O PELICANO, nº 16, 1872).

A **Boa Nova** foi um jornal católico, dirigido pelo Bispo Dom Macedo Costa, o qual protagonizou a chamada Questão Religiosa em Belém, o qual também foi alvo e algoz dos intensos debates entre a folha católica e **O Pelicano**, este que criticava a forma do bispo agir perante o clero e a sociedade, e refutava as acusações dirigidas à Maçonaria. Sabendo disso, o artigo acima, escrito, provavelmente, pelo autor dos livros condenados, conduz seu pensamento, primeiramente, à discussão sobre o gênero em que escreveu suas obras, o romance. Primeiramente desculpa-se por tal ato, mas esclarece que, se não fosse por tal gênero, “que mais agrada em o nosso tempo”, seus escritos talvez não tivessem sido lidos:

Com o romance, condeno-me a eterna obscuridade; mas, com a alavanca que ergue moles enormes, como o fermento que faz tufar a massa destinada a ser pão substancial, obtenho um resultado infalível e imediato. Chego á multidão inteligente dos dois mundos; alio-me a tudo que tenha calorosas simpatias pelo progresso, fortes aspirações para os destinos novos da humanidade. Sou mais homem do que escritor, segundo o velho sentido do termo; encarno-me, sou povo! (O PELICANO, nº 16, 1872).

A tentativa de negação como romancista recorda os prefácios pesquisados por Germana Sales em sua tese **Palavra e Sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas** (2011), em que esclarece a negação de autoria presente nos romances, pois o novo gênero ainda não adquirira

explicações teológicas para a aptidão funcional dos seres vivos, compreendidos como havendo sido projetados pelo divino Artífice. In: POLKINGHORNE, John. **O Debate Sobre Religião e Ciência – Uma Introdução**. 2015. Disponível em: <<http://www.cristaosnaciencia.org.br/recursos/sit-commodo-risus/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. *O Pelicano: práticas de leitura na imprensa maçônica oitocentista*. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

prestígio entre os letrados. Também nos esclarece sobre presença dos prólogos como um espaço de confissão e sedução, escrito parecido com o trecho do periódico citado acima:

Os prólogos funcionam ao mesmo tempo como área de confissão do autor e tentativa de sedução do leitor. Servem, ainda, como guia para a leitura. Em busca de um público solícito, leitores e leitoras são tratados com reverência pelo autor e seduzidos por ele a seguir, como discípulos, as linhas de orientação traçadas no prefácio (SALES, 2003, p. 23).

O trecho publicado no jornal, escrito pelo Padre ***, é exemplo de um artifício que, mesmo não inserido no livro de sua autoria, volta-se para seus possíveis leitores, no espaço do periódico, ocasionando debates acerca de seu escrito, na tentativa de expor esclarecimentos sobre o que produziu. Infelizmente não obtivemos maiores informações sobre os romances mencionados, portanto, as considerações aqui realizadas baseiam-se apenas na publicação maçônica.

Em 22 de agosto de 1872, o jornal publica uma pequena nota de um novo romance a circular:

Novo romance. —Lê-se na República:

O sr. dr. Constantino Gomes de Souza, já conhecido nas letras brasileiras por várias produções, concluiu um romance em dois volumes com o título “Filha sem Mãe.”

Dentro em pouco deve ser dado à estampa, e então ocupar-nos-emos detidamente do seu mérito literário (O PELICANO, 1872).

Constantino Gomes de Souza⁶ foi um autor sergipano, de forte presença na imprensa oitocentista, descrito como médico, jornalista, poeta, dramaturgo, jornalista. O romance **A Filha Sem Mãe** é datado de 1873, havendo, portanto, ineditismo na nota acima, em que a finalização da escrita do livro é noticiada, antes mesmo de sua publicação em qualquer suporte literário. Tal nota indica a valorização da produção literária e o desejo em noticiar sobre os futuros lançamentos no mercado livreiro da época.

Em 22 de agosto de 1872, o artigo “A Sabedoria Aplicada”, assinada por Raymundo-Castelo Branco, trata de três preceitos a serem seguidos: “procura o bem, conserva-te, salva-te”. Tais preceitos são inseridos na discussão sobre leitura de romances, esta que deveria ser proscrita:

Toda a sabedoria resume-se nestes três preceitos: Procura o bem; conserva-te; salva-te.

Estes três preceitos cardeais jamais deverão ir de encontro um contra o outro.

O sistema do sábio é este: Receber, pacífico, o bem e o mal.

Pois, a paixão é contra a sabedoria.

[...]

A filosofia, as ciências naturais, a moral, a jurisprudência, as ciências sociais, a literatura, a história, as matemáticas, a medicina, e assim outras.

⁶ OLIVEIRA, Allan de. **CONSTANTINO GOMES DE SOUZA**: “O pai da intelectualidade sergipana”. 2013. Disponível em: <<http://literaturasergipana.blogspot.com/2013/06/800x600-800x600-normal-0-21-false-false.html>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. *O Pelicano*: práticas de leitura na imprensa maçônica oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

Destas ciências, as que aproveitam mais ao homem moral, e que menos o prejudicam, são as ciências sociais e jurídicas.

Das ciências sociais destaca-se a política, que é a ciência mais momentosa do mundo, mas tão pervertida como a sabedoria.

A literatura de romances devia ser proscrita;

Mas, fatalmente agrada tanto, que alguns moralistas tem adoptado o seu gênero, para serem lidos.

Rousseau cita o exemplo d'uma moça, que quase enlouqueceu de paixão pelas perfeições de Telêmaco.

Um médico notável fez a seguinte advertência: “A moça lê romances aos 11 anos, terá ataques de nervos aos 20.”

O senso comum repele o romance.

De mil poetas se tira um, que pode ser lido.

A filosofia e as ciências naturais são muito uteis; mas, a escolha é muito difícil. (O PELICANO, 1872).

No presente trecho, é possível relacionar a valorização pela ciência e filosofia no primeiro artigo analisado anteriormente, enfatizando, claramente, tais leituras como as mais úteis, em contrapartida à leitura de romances, causadora de “ataques de nervos” em moças. Essa advertência, voltada principalmente para mulheres, é averiguada durante o século XIX, entre letrados ou figuras religiosas, quanto à prescrição de romances. Como um gênero malvisto, a leitura dessas obras é rechaçada pelo viés moralizante, e argumentos voltados para a saúde física e mental sobre o assunto foram frequentes:

A associação entre a leitura de romances e as doenças, capazes de “contagiar”, era uma ideia comum. Os mais complacentes, como o já mencionados M. de la Chapelle, comparam os romances a um remédio oferecido aos estômagos fracos. Os menos condescendentes com o gênero, como os censores portugueses, associavam-no a um “veneno” cuja “peçonha” seria capaz de “corromper” o “coração” e a “alma” dos leitores (ABREU, 2007, p. 64).

Infelizmente, não obtivemos maiores informações sobre o autor do artigo citado, porém, Raymundo-Castello Branco é presente em outras publicações do jornal e ressalta um teor moralizante e religioso não previsto em uma folha porta-voz da Maçonaria, mantendo estreitos laços e opiniões semelhantes, a respeito do romance, com outros periódicos circulantes na época, como o jornal tanto criticado pelos articulistas d'**O Pelicano, A Boa Nova**.

Em contrapartida, em 29 de junho de 1872, sob o título “Boa Recomendação”, uma listagem de livros condenadas pelo Index é divulgada e aconselhada como leitura pelo periódico:

Boa recomendação.—A célebre congregação do Index acaba de decretar a condenação das seguintes obras:

“Boissonnade (J.A.) A Bíblia desvelada, Paris 1871.

Figuier (Luiz) – O dia seguinte ao da morte ou a vida futura segundo a ciência, 1a, Paris 1872.

Maugin (Arthur) – O homem e o animal, obra ilustrada com 120 gravuras, Paris 1872.

Ormaniau (P.M.) – Os direitos civis e a liberdade religiosa dos católicos. Roma, imprensa romana de C. Bartoli. 1872.”

Isto quer dizer que a congregação do Index, não podia melhor recomendar à leitura dos fieis estas obras.

Ninguém ignora, com pesar dizemos, o estado de aviltamento a que a ambição da cúria tem arrastado estes e semelhantes decretos.

Por todos é hoje considerada a condenação dessa grei, como o mais honroso atestado que se possa obter.

Continuem, que quanto pior melhor. (O PELICANO, 1872).

Sem assinatura, a recomendação de tais leituras vai de encontro ao artigo de Raymundo-Castello Branco citado anteriormente e demonstra, sob outra ótica, o posicionamento do jornal para com determinadas obras, principalmente as condenadas pela Igreja. Novamente, as informações sobre as obras citadas não foram encontradas para além da folha maçônica, mas a defesa de que tais títulos, condenados pelo Index, justamente por isso devam ser lidos, demonstra a subversão pretendida pelo redator da nota.

Considerações finais

O *Pelicano* foi um jornal maçônico oitocentista de grande valor para a história da Maçonaria paraense e para a compreensão de sociedade belenense, à época, envolto em diferentes questões políticas e sociais. De igual valor, o periódico também se faz objeto de estudo para a compreensão da circulação de livros e divulgação da crítica ao romance na História Literária paraense.

Considerando os aspectos libertários inscritos no jornal pelo seu pertencimento à maçonaria, as possibilidades para a crítica ao romance se resguardariam em um posicionamento libertário favorável quanto à sua leitura e recomendações. Porém, os artigos críticos voltam-se para concepções morais, característica do período estudado, no que tange seu contexto histórico-cultural. As vozes inscritas nas páginas da folha maçônica, em seu primeiro ano de publicação, demonstram, ao mesmo tempo, preocupação na proscrição da leitura de prosa de ficção, atentando aos males que acreditavam acarretar aos leitores e leitoras, e igualmente expõem um confronto à ordem vigente, perante proibições religiosas, como as obras inseridas no Index, mas recomendadas aos leitores do jornal. Tais constatações se contradizem quando analisamos, em aspectos gerais, a fonte primária, porém, de autorias diferentes, os artigos não expõem apenas um posicionamento, atribuído ao projeto editorial do periódico, mas sim diferentes vozes que contribuíram em suas publicações, divergindo, ao menos sobre as práticas de leitura julgadas, entre si.

De qualquer maneira, o jornal se insere entre os periódicos que divulgaram e noticiaram acerca das leituras em voga na época, adentrando no debate sobre a leitura de romances durante o século XIX, seja favorável às novidades literárias ou obras de valor científico, seja na preocupação com os

SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. *O Pelicano*: práticas de leitura na imprensa maçônica oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

efeitos que tais leituras poderiam ocasionar aos leitores, advogando em defesa de um cuidado e atenção para com o gênero romance.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Socorro de Fátima P. **Jornal e Literatura: a imprensa no século XIX**. Porto Alegre: Nova prova 2007.

BITENCOURT FILHO, José Adauto Santos. SALES, Germana Maria Araújo. **O Pelicano: O posicionamento religioso oitocentista perante o romance**. Relatório de pesquisa. Belém: Fapespa, 2014.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezy (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2008.

ROCHA, MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista. **Revista Leopoldianum**, 2011, v. 37, nº 101/102/103, p. 33-44.

SALES, Germana Maria Araújo. **Palavra e Sedução: Uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)**. 2003. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2003.

SANTOS, Alan Christian de Souza. **O que revelar? O que esconder? Imprensa & Maçonaria no findar do dezenove (Pará, 1872-1892)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Belém: 2011.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: 2 ed. Editora da Universidade de Brasília, 1929.

FONTES PRIMÁRIAS

O Pelicano (1872)